



# O Gaiato

**PORTE  
PAGO**

Quinzenário \* 10 de Setembro de 1988 \* Ano XLV — N.º 1161 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NOTAS DA QUINZENA

■ A notícia veio num jornal diário de grande tiragem. Contava a história de uma família com seis pessoas, a viver num cantinho de um contentor de chapa. Passei por ali, sem saber do que se passava, à procura doutro caso com a chave da solução do problema no coração e no bolso. Enganei-me na porta, e não não perdi o tempo. Foi, então, que o jornal me caiu nas mãos. Não quis ler. Pus reservas e expliquei porquê. Não é com o muito falar que estes problemas se resolvem. Ele é tão frequente ver notícias destas e ficar tudo na mesma!

Recordei Pai Américo quando lançou, em Fátima, o pregão do Património dos Pobres, para que cada família tivesse a sua casa. Ao falar à multidão e ao nosso Portugal, já tinha começado a fazer. E, antes de fazer, havia construído as casas em seu coração. Aqui está o segredo de tamanho êxito do movimento proclamado. Depois, e só depois, safu para a rua e

para o jornal. Pôde ver a maravilha, ainda antes de partir, das 3.500 casas construídas. Primeiro, fez. Depois, **anunciou e denunciou.**

Há mais de um ano que a família vive naquelas condições. Milhares de outras tantas, em situação parecida. Não vejo outro caminho para resolver casos concretos como este, onde há possibilidade de terreno acessível, que não seja a pedagogia da verdadeira Justiça animada pela Caridade que Pai Américo intuiu e apresentou em público.

As autarquias estão interessadas. Os vicentinos também. Porque deixar, então, sofrer, por mais tempo, esta gente? Há um pedaço de terra na freguesia? Mãos à obra!

A Igreja local tem um papel insubstituível. Se não olha com carinho para estes filhos que vão para as colunas dos jornais, donde saem mais humilhados que levantados, quem? Ela é Mãe e Mestre. A comunidade paróquial e civil, cada

uma no seu lugar, participem desta maternidade e responsabilidade.

Estou a lembrar-me da parábola do fermento metido no meio da massa. Há um trabalho silencioso mas fecundo. De seguida, todos saboreiam o pão nascido da força transformadora, actuante e criadora, do fermento. Que alegria, se ali houvesse fermento!

Enquanto ali estive, entrou a mãe, o filho pequeno e a bebé que trazia ao colo. Pediram-me para retirar o filho de 15 anos e outro de 13 para a nossa Casa do Gaiato. A mãe ficaria no contentor com o pai, mais a esterilização a que foi aconselhada, como remédio para tamanha desgraça. Isto dizia o jornal diário de grande tiragem! E eu disse que não! A Obra da Rua põe o telhado na casa nova. E, quem tem o dever de andar com o terreno, os alcerces, as paredes, faça-o. Cada um no seu lugar para podermos dormir tranquilos.

Igreja que és Mãe, não deixes por mãos alheias os pergaminhos com que Te adornou Aquele que é o Teu Coração! Coragem! Vamos bater no peito, mais uma vez, e pedir perdão pelos pecados de omissão. Deixei luz verde naquela rua que me apareceu sem saída.

■ Mais outra nota. O tom é diferente. A música com mais harmonia. Vim descansar um pouquinho, à hora em que ta ofereço. Coloco-a no teu lado esquerdo. Afirma o teu coração. Se és mulher, vais defender a tua dignidade até fe-

Cont. na 4.ª página

## Setúbal

O grito da criança abandonada é cada vez mais clamoroso naqueles que têm «ouvidos para ouvir» e mais surdo nos que, criando mecanismos jurídicos e sociais, julgam assim resolver o problema e vivem acomodados, como se todas as soluções estivessem à vista e perfeitamente.

São queixas amargas. Descrições do horrível que jamais pensei fazer!...

Não estou desesperado. Com Cristo há sempre luz. Ele é a Luz. Nunca desespero.

O meu sofrimento aumenta, sim, e cada vez mais, sempre que encontro crianças votadas à condenação do submundo. Eu que lhes poderia dar solução se fossem, na prática, sujeitos de direitos. Porque são incapazes, as crianças adaptam-se a tudo, inclusivamente à própria morte.

É o caso de uma menina que, levada pela mãe, abandonando a família e fugindo com outro homem, encontrou a morte, enforcada na corrente do cão, aos vinte meses de idade. O pai, ou melhor, o progenitor, obriga as tenras filhas a beijar-lhe o sexo, como em desabafo a tia confidenciava à mais velha de oito anos.

Oh mundo infeliz! Oh civilização incarácterística que tudo permites e afundas assim os inocentes!

Muita gente se levanta con-

tra os maus tratos físicos das crianças e ainda bem. Agora contra os maus tratos sociais e morais, ninguém. É um mundo mudo! Insensivelmente ferido de impotência!

É mais fácil detectar estes que aqueles. Depois, há uma consciência generalizada de que o número de crianças socialmente maltratadas é imensamente vasto. Mete medo a toda a gente! Talvez, por isso, todos lhe fogem. As instituições existentes não chegam para a décima parte dos casos! E estas são sempre um remendo, nunca a solução adequada.

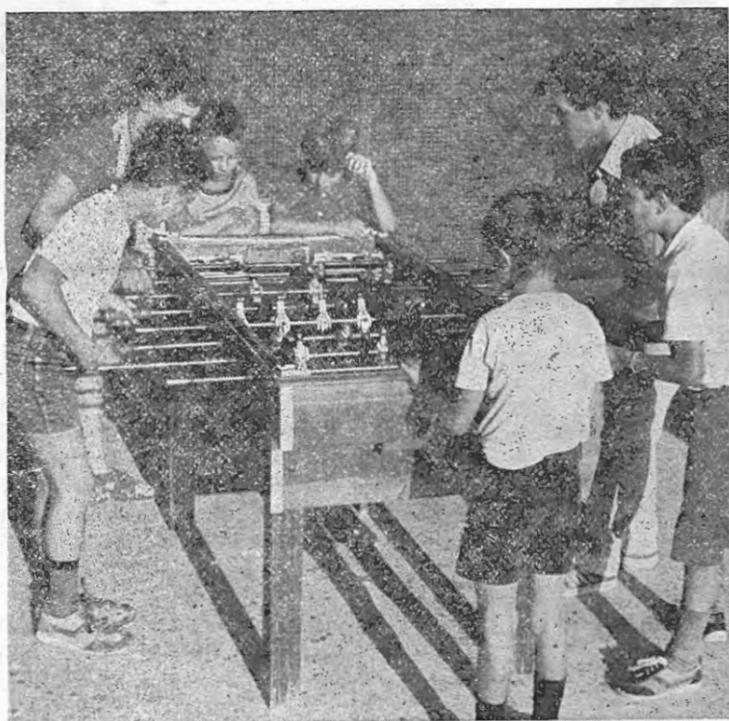
Uma criança socialmente maltratada, necessita, mais que todas as outras, de uma família real, com pai e mãe, de um dimensionado e uma atenção permanente.

Os psicólogos e os sociólogos têm nesta matéria muito mais autoridade que os juristas.

Neste campo, como em tantos outros, anda o carro adiante dos bois! E... nos termos de nos sujeitos às normas do direito. «Dura lex sed lex!»...

Alvitrei, há tempo, e volto a repetir: Nos grandes centros, nas grandes cidades, deveria haver uma entidade capaz de acorrer imediatamente a uma criança, sempre que alguém denunciasse uma situação de

Cont. na 4.ª página



Era um passatempo para todos. Até o chefe-maioral aí está, aferroado, no meio deles! Mas, pouco durou. Tanto jogaram que os matrecoos não resistiram...

## Calvário

Por  
P.e Telmo

O mês de Agosto foi rico! Uma lufada de ar fresco penetrou no Calvário e se espraiou pelos corações dos que nele moramos:

Foi a M. Reis com os instantâneos de suas impressões — cheios de poesia e beleza. Vejam só:

«Chamam-lhe João «Pequeno» porque tem uma corcunda grande que o obriga a olhar o chão. De manhazinha cedo, lá anda ele, rasteirinho, de vas-soura na mão, varrendo as

ruas do Calvário. Mas o João tem também uns olhos grandes, expressivos e meigos.

Será que no Céu há varredores de ruas? Que tamanho terá a alma do João? Olho o Céu, abarco todo o Firmamento e não sei onde Ele acaba... João... João «Pequeno». Será?»

Foi a Emília que, na sua breve passagem, nos deixou um sorriso simples e cheio de esperança.

Foi a família Caldeira; Pai, mãe e filho — João Carlos.

Não se pode imaginar mais carinho pelos doentes... Abraçaram-nos e beijaram! Começaram assim S. Francisco com os leprosos. Limpavam e deram-lhes o comer. Quadros lindos! Felizes aqueles que os sabem construir.

Ao despedirem-se, lágrimas! Gotas de oiro que ficarão vivas no coração dos doentes. Adeus e voltem.

Depois veio o Carlos, estudante na Faculdade de Filoso-

Cont. na 3.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

**FÉRIAS GRANDES** — O nosso tempo banhar já passou. Estamos novamente todos juntos, em Casa. Depois virá o tempo da separação dos que irão para Coimbra, estudar. Mas até isto suceder, continua-se por cá, cada qual no seu trabalho: campo, oficinas e outros deveres.

A piscina vai sendo local de encontro apetitoso. Por vezes é esvaziada para a rega, sendo uma das dificuldades o encher no menos tempo possível. Hoje esvaziou para o referido fim e também para se lavar, tarefa a cargo do Pedrito e do Rui da copa.

**CASAMENTO** — No dia 13 de Agosto, foi o casamento do João Paulo com a Adelaide, nossa vizinha. E o Padre Horácio fez anos de Sacerdócio — dia de festa!

O Sacramento foi celebrado na nossa Capela, pelas 12 horas. A «boda» foi feita na nossa cozinha e «derrotada» na nossa sala de jantar, em dois dias.

O João Paulo veio para cá em pequenino, mais um irmão, de Lisboa. Fez a instrução primária e seguiu os estudos em Coimbra, com aproveitamento até ao 11.º ano de Humanísticas e umas cadeiras do 12.º ano. Neste momento, renovou a sua estadia na Marinha, no sector da comunicação.

Queremos partilhar o nosso sentimento de que sejam unidos e felizes.

**CAMPO** — Este tema é marcante nas nossas crónicas. Já demos notícia do que sucedeu às culturas, frutas, etc. Não houve desânimos... Continua-se a lutar. O feijão está a ser bom. Pela tarde soalheira, os «Bata-tinhas» debulham-no na eira. As cebolas foram razoáveis. O milho, muito regado, já despontou e desfolhou.

Os miúdos, em grupos, regam as árvores de fruta e as videiras, tão tristes com poucos bagos e muito desfeitos.

O «Pinóquio» já noticiou que uma vaca está para parir. Anda preocupado e a qualquer momento vai em direcção ao curral verificar a evolução das coisas.

**DESPORTO** — A bola já começou. Estamos, de novo, em maré de convites de jogos e a nossa equipa tem que estar apta para qualquer eventualidade.

Guido

## Calvário

«Vi ali outra obra que me apaixonou: a lepra. Os leprosos. Obra de Deus. Fugí com medo de ali ficar. Ainda trago no meu peito os rostos desfigurados daqueles com quem falei.» (Pai Américo)

Nasceu o Calvário para doentes pobres incuráveis e abandonados. Como é maravilhoso sentirnos a alegria pura nesta Comunidade. Os doentes

são sensíveis quando lhes damos as nossas mãos. Sentem-se mais realizados quando participam nas ocupações, ajudando-se uns aos outros: dão de comer e de beber, lavam-se e vestem-se. Limpam os pavilhões e fazem as camas. Arranjam os jardins, varrem as ruas, apanham o lixo, tratam dos animais domésticos e regam as flores.

No Calvário há entusiasmo. Após as refeições, cantam, batem palmas, contam contos.

Todos os dias rezamos o Terço na Capela. Os doentes que não se podem deslocar, ouvem o Terço nos pavilhões.

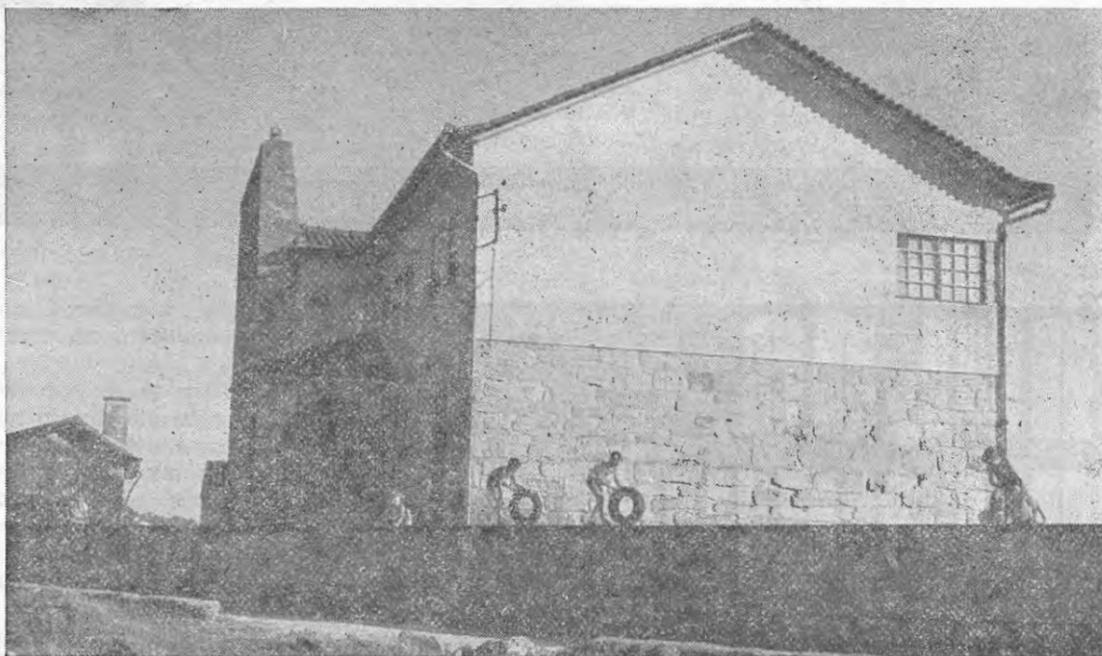
Duas «Martas» dedicam todo o seu tempo aos doentes com espírito de doação e muito carinho. «Nós gostamos deles.»

Desço a avenida e percorro a nossa Casa do Gaiato de Beire. Os campos verdejantes, as macieiras e as pereiras carregadinhas; e no meio dos pomares um grupo de rapazes apanha as maçãs e as pêras do chão. Os campos de milho prometem em quantidade e qualidade. O «Pauliteiro», o «Carochinha» e o «Nelito» varrem as ruas e apanham o lixo. O Jorge, que é o responsável pela Comunidade, e o Joaquim, apanham a batata. O «Nana» e o «Limão» cuidam das vacas e o «Andorinha» dos bois. O «Varito» trata dos porcos e apanha o tomate. O Artur e o «Formiga» preparam um terreno para plantar couves. Já começaram também a apanhar o feijão. A quinta está muito bem tratada!

Através dos exemplos dos responsáveis ou quando vêem alguém a trabalhar, os nossos rapazes deficientes sentem-se felizes pelo trabalho que realizam e pelos frutos que ele produz. Realizam tarefas com dedicação e ficam contentes, sobretudo quando vêem os seus trabalhos apreciados.

Subo a avenida... e ao chegar ao Calvário, olho o cruzeiro: — Que venham até nós pessoas que queiram dedicar a sua vida (ou parte dela) aos doentes pobres incuráveis e abandonados. Todos nós recebemos muito dos doentes e, por sua vez, eles sentem-se mais felizes se o nosso coração se abrir à realidade das suas vidas.

José Manuel dos Anjos Nunes



A nossa casa na praia de Azurara (Vila do Conde).

## Paço de Sousa

**FÉRIAS** — Terminaram as do terceiro turno, na praia de Azurara (Vila do Conde). Vieram todos bem queimadinhos do sol! Esperamos que estejam com ânimo para se agarrar ao trabalho, na escola e em tudo o mais, pois a vida não pára.

Já lá está o derradeiro turno. Desejamos, para todos, boas férias — e sem problemas.

**PISCINA** — Serve de «palco» a muitas alegrias e peripécias. Gostamos de jogar às «caçadinhas», dentro e fora d'água, e de brincar uns com os outros. É uma alegria a nossa bela piscina!

**ESCOLAS** — Prestes a começar o ano lectivo 1988/89, estamos já metidos nos preparativos: compra de livros e material didático.

Desejamos seriamente que o aproveitamento do próximo ano escolar seja melhor do que o anterior. Que será de nós, no futuro que se avizi-

na, sem uma boa formação escolar?...

**VISITANTES** — Muitas pessoas acorrem à nossa Aldeia para conhecer melhor a Obra da Rua.

Apesar do tempo estar propício para banhos de mar, os nossos Amigos optam por visitar a nossa Casa, respirar o ar puro dos campos que nos rodeiam e beber a água fresquinha das nossas fontes.

Continuem! Agradecemos, do coração, a vossa presença, pois gostamos muito das visitas em todo o sentido.

Lourenço

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A pequenina moradia, doada ao Património dos Pobres, fica no cimo dum monte, rodeada de arvoredo e outras pequenas habitações de gente pobre.

Não passou pela mão de Pai Amé-

rico, mas é fruto da sua mensagem.

A casa já deu guarida a algumas famílias, mas precisa, urgentemente, dum grande reparação para servir mais e mais. Há gente à espera, sem habitação condigna, e não queremos protelar a solução. Levantar o telhado, aproveitar meia dúzia de metros quadrados de terreno e construir uma cozinha e sanitários para que as divisões existentes sirvam para dois quartos.

Ontem, fomos a uma cerimónia de circunstância (em representação dum colectividade) e levámos na mão a necessária procura para expor, verbalmente, o assunto a quem de direito (estava lá) no sentido de simplificar burocracia ao Património dos Pobres, já que as leis são para cumprir.

— Desculpe, abordarmos, aqui, um assunto desta ordem, mas os Pobres estão à espera. Temos de os servir. Aliás, até é bom falarmos, agora, num problema dos Pobres.

O homem público ficou naturalmente admirado com a nossa atitude. Vamos requerer a obra num formulário simplificado!

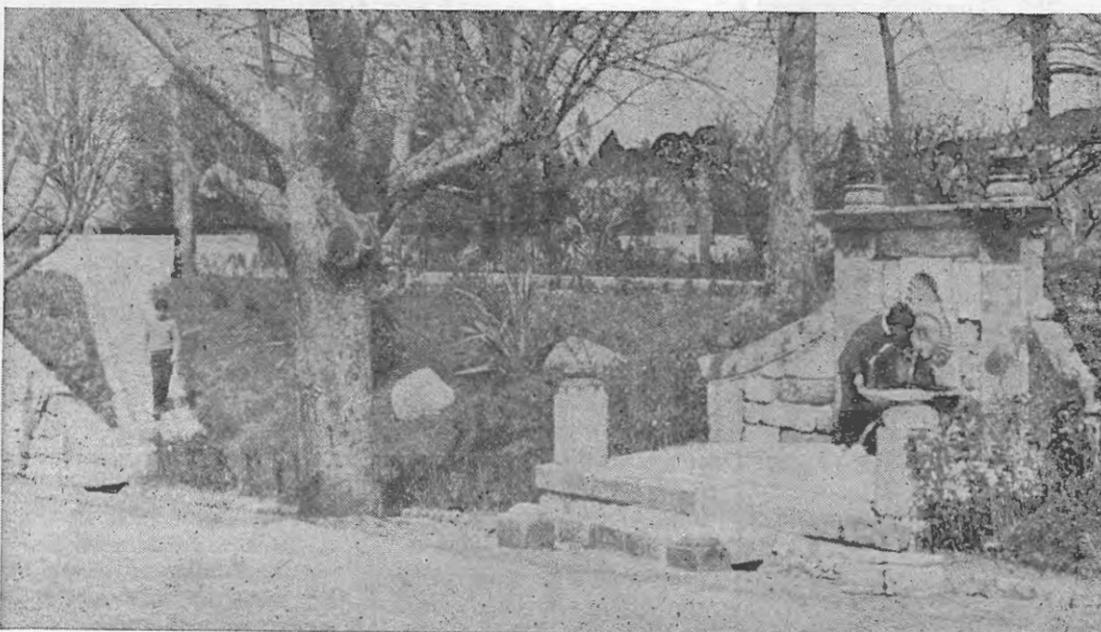
— Não temos o suficiente para o empreendimento, mas já é bom abrirem caminho...

Abrir caminho sem taxas, impostos e outros escolhos que estorvem a acção.

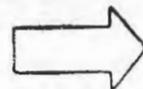
Ele há tanta coisa a estorvar quem não tem quê... e poderia ir longe se a administração pública descesse mais ao *rés-do-chão*! Não falamos de cor. Ao longo dos anos, quantos Autoconstrutores baquearam (outros nem começaram...) na trama dos serviços oficiais por não serem tratados como dos mais importantes ou melhores *investidores* do País que somos... E aqui está o mal, pois a vasta gama de legislação sobre Autoconstrução, na maior parte serve apenas de ornamento em volumes dos *Diários da República*.

É pena!

**PARTILHA** — Esta *procissão* é uma peremptória afirmação de que as (nossas) férias não podem dimi-



Além dos Amigos que nos visitam assiduamente, também gostamos muito de respirar o ar puro dos campos e beber a água fresquinha que jorra das fontes da nossa Aldeia.



nir, muito menos estancar, a partilha frequente pelos Pobres.

«Avó de Sintra», com tarimba de muitos anos de vida — e um filho querido gravemente doente — aí está, com os olhos na Misericórdia do Senhor, lembrando «a Família do costume».

O óbulo da assinante 19177. Vale postal da assinante 26471 (dois mil escudos), «referente aos meses de Julho e Agosto, cuja finalidade fica ao vosso critério, ainda que gostasse fosse entregue a uma senhora idosa e doente». Delicadeza!

De Coimbra, onde Pai Américo estruturou o seu Caminho — de mãos dadas aos Pobres — temos «uma pequena 'gotinha' para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Peço desculpa da insignificância, mas o cheque é dado com muito amor e carinho». Aqui está a verdadeira fortuna: o seu muito amor e carinho por eles.

Já que falamos de Pai Américo (ou não tivéssemos o coração cheio do seu nome!) vale a pena referir a carta da assinante 7769 — subscrita no «dia que subi ao monte (de Santa Quitéria — Felgueiras), junto às ruínas do antigo Colégio que ele (Pai Américo) frequentou» — acompanhando uma oferta para os nossos Pobres, entregue por um neto que teve «uma gratificação com que não contava».

Monte Gordo: «Faleceu uma pessoa amiga sem família alguma que, extremamente económica, conseguiu ainda deixar algumas economias que depois de pagas todas as despesas, me pertenceriam por sua vontade. Como, porém, tenho o necessário para viver e não sou capaz de gastar em futilidades aquilo que foi amealhado com tanto sacrifício, tomei a resolução de distribuir por pessoas muito necessitadas aquilo que sobrou, pedindo uma oração por sua alma. Nesta conformidade, envio um cheque para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus distribuir, se for possível, por pessoas de idade avançada e sós como ela era. Aproveito para acrescentar mais 2.000\$00 sufragando a alma de familiares cujos aniversários ocorreram em Junho e Julho».

Aí está «Uma Assinante de Paço de Arcos» — como sempre — «com saudações fraternas e a partilha de Julho». Mais cinco contos da assinante 9792, de Guimarães, «para socorrer uma Viúva necessitada». Mais 500\$00 da assinante 8871, de Póvoa das Ladeiras.

Mem Martins: «Ao lermos O GAIATO, de ponta a ponta, como sempre o fazemos, impressionou-nos especialmente — talvez por o termos sentido no cerne — o drama dos doentes sem meios para se tratarem. Há poucos meses também a nós a doença bateu à porta, numa forma grave, e, graças a Deus, por agora, tudo se resolveu. A melhor maneira de Lhe agradecer (a Deus) é enviar 5.000\$00 como acção de graças, que gostaria fizessem chegar às mãos de um doente mais necessitado. É uma pequena gata dada com amor e poderá minorar alguma coisa do grande sofrimento que deve ser, ver alguém sofrer e sem meios para lhe valer».

Oportuna remessa do assinante 45877. Um cheque, de Damaia de Baixo, «para ajudar a tapar um buracozinho. Peço me perdoem a insignificância da oferta, rogo anónimo e não agradeçam». É assim a linguagem dos cristãos!

Assinante 11162, do Porto, dois contos. Remessa habitual de Vilares (Vila Franca das Naves). Três con-

## TRIBUNA DE COIMBRA

Tocou a sineta para o almoço. Um toque muito alegre para a maior parte de nós. A sopa e o conduto que os nossos cozinheiros preparam no fogão a lenha, despertam ainda mais o bom apetite de toda a gente.

Fiquei durante alguns minutos na varanda do escritório a apreciar os cento e quinze a juntarem-se no largo junto à sala de jantar. Todos com cara de alegria.

Um grupo grande vem com latas na mão. Andaram a regar árvores de fruto e videiras. O Zezinho traz o balde com a corda. Foi ele a tirar a água do poço e a distribuir pelas latas dos mais pequenos. A fruta é pouca e a vinha está quase vindimada pelo mau tempo. Vamos procurar tratar bem este pouco, para não ficarmos sem nada.

Outro grupo andou a des-

montar o milho da Terra Nova. Está muito bonito o milho daquela terra. A ponta do milho foi estendida e, depois de seca, há-de ser parte do alimento das nossas vacas leiteiras durante o Inverno.

O grupo da erva anda de foicinha nas mãos até carregar o tractor, pois as vacas, se não comerem, não dão leite e, cá em Casa, todos gostam dele.

Dois andaram no Poço Novo a regar o milho que promete boa espiga e que, este ano, foi muito sacrificado pela erva. Agora está a ficar lindo.

Outros dois vazaram a piscina e regaram o feijão verde e as couves altas. O feijão verde que todos os anos é o forte da nossa alimentação, de Verão, este ano é muito pouquinho. De tarde irá um grupo lavar a piscina, pois a água estava a ficar suja.

Três dos mais velhinhos es-

to do assinante 23618. Cem escudos do assinante 31235. «Uma portuense qualquer» envia «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus a migalhinha de Julho, acrescida de um pouco mais (a lembrar Pai Américo), pequenina homenagem destinada àqueles a quem ele mais amou: os Irmãos pobres».

Alto lá! Chega um testemunho que merece destaque: «Envio um cheque para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus como melhor entenderem, por alguma das muitas necessidades a que têm de atender, e em acção de graças pelas bodas d'ouro matrimoniais. É pouco, eu sei, mas logo que possa enviarei mais outra, e outras migalhas, pois quero desta maneira agradecer ao Senhor tantas graças que nos concedeu, a mim e meu marido, ao longo de 50 anos vividos em perfeita comunhão de sentimentos» — afirma a estimada assinante 13171, de Nelas.

Lígia, de Fiães, manda notícias muito ricas. Desta vez, a carta ilustrada com linda paisagem, insere um pensamento de Farid Attar: «Durante mais de trinta anos andei à procura de Deus. Mas quando O encontrei, descobri que era Ele que me esperava». E, pelo seu punho, manda um cheque de seis mil escudos «que gostaria fosse aplicado para auxiliar alguém aflito» — neste mundo de aflições em que andamos sempre metidos.

Na linha da anterior presença, a assinante 26157, do Porto, com quatro mil escudos «para um caso mais aflitivo»; e um voto: «Pelas almas do Purgatório por quem tenho muita devoção».

Assinante 17258, de Baguim (Rio Tinto), a remessa habitual para uma Viúva. Mais perseverança: quatro contos do assinante 11902, do Fundão; mil escudos, da assinante 27063; dez rands, de Umbilo — Durban (África do Sul); o dobro, da assinante 25881; dez contos da esposa do assinante 32517 «para ajuda de quem mais precisar»; e metade, de Constantim (Vila Real).

Em nome dos Pobres, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

## Conferência do Lar do Porto

Faz já algum tempo que a nossa Conferência de S. Francisco de Assis sonhou com uma habitação condigna para uma pobre família de Miragaia. O sonho, com a graça de Deus e a ajuda dos Amigos que vão mandando, ora uns tijolos, ora umas telhas, está a tornar-se realidade.

Sonhamos, agora, que outra família, essa com seis filhos e a viver numa situação de extrema necessidade, também ela tivesse a sua casinha. Por isso, convidamos a sonhar conosco o sr. Vereador do Pelouro da Habitação, na pessoa do Dr. Justino Santos, isto porque essa família tem como chefe um trabalhador que labuta numa grande casa que é a nossa Câmara do Porto. Daí pedirmos ao Vereador que vá ver como vive aquele homem que dia-a-dia lá trabalha, e sentir como nós sentimos, a angústia e, ao mesmo tempo, revolta. Não tanto por ele, mas pelos seis filhos que sofrem todo o tipo de privações.

Estamos confiantes que compreendemos o espírito que nos move em transcrevermos para o nosso jornal este grave problema que nos tira o sono. Assim, estamos certos que, com a ajuda de Deus, vai conseguir colaborar com o nosso sonho.

DONATIVOS — Assinante 23976 manda 10.000\$; J. R. D., 1.000\$; Lígia, 3.000\$; de Maria Luísa, dez mil; assinante 3359, 5.000\$, para ajuda de géneros à família de Miragaia; 1.000\$, entregues no nosso Lar; em nome do Coração de Jesus e Maria, 200\$; anónimo, 5.000\$.

Por último, para a construção da casinha de Miragaia, de J. R. D., 5.000\$.

Queremos informar a senhora que deu uma coberta, que a mesma ainda não foi vendida. Está exposta numa casa comercial do Porto. Mal se venda, daremos notícia.

Bem hajam todos.

Madalena

tiveram no escritório a contar o dinheiro que ontem depositaram nas nossas sacas, nas Missas da Figueira da Foz. A igreja sempre cheia e todos atentos ao testemunho de Jesus Cristo Pobre, que lhes levámos. Ficou-me muito no coração a presença daquele homem novo que foi à sacristia agradecer. Os rapazes contaram e, no fim, somaram quatrocentos e cinquenta contos. Todos achámos muito. Dividimos por várias sacas e três foram pagar as contas do mês e o dinheiro não chegou para pagar tudo.

Os das obrigações procuraram limpar a Casa, arrumar dormitórios, tirar e pôr a mesa.

O João e Manuelzito começaram a dar volta aos cabelos e às cabeças limpas.

Os das oficinas estiveram no seu lugar e ouvimos o trabalhar das máquinas e acreditamos que os rapazes vão crescendo para a vida.

Os padeiros cozeram o pão que é sempre delicioso e fruto de muitas gotas de suor daqueles que o fazem. Que bom o nosso pão!

Todos procurámos ganhar o almoço que vamos comer. Antes de nos sentarmos à mesa, rezámos: Abençoai-nos Senhor o alimento que vamos tomar, para que repare as nossas forças e melhor Vos servirmos e amar.

Padre Horácio

## CALVÁRIO

Cont. da 1.ª página

fia de Braga: Compêndios de mestres que ele encontrou — no olhar atento do «Bobi», no silêncio misterioso do Luís e no sorriso simples da Isaura.

Quando o Carlos for mestre, sem dúvida, será ajudado pelos rabinhos que lavou.

A seguir, o Zé Góis:

O Zé Góis é nosso — da Casa do Gaiato do Tojal. Bebeu do nosso leite. Sente-se irmão mais chegado.

Onde maior ternura para com os nossos doentes do que a expressa pelas mãos, jeito de acolher, modo de sorrir e tratar do Zé?!

Esteve, também, a D. Marília: Uma senhora que pediu — como quem pede uma dádiva — o favor de nos ajudar. Deixou as suas férias com a família para ser nossa costureira e cozinheira. Tão belo!

Para terminar, só mais duas irmãs angolanas: Generosa e Gaudência.

Quadros maravilhosos! O seu jeito simples de servir! Como quem recebe um tesouro.

Medito ainda nas lágrimas dos doentes — ao despedirem-se — e no choro convulsivo delas... somente em dez dias de convívio e doação!

«Praza a Deus que as suas lágrimas sejam verdadeiras sementes de esperança lá no seu Instituto.

E hoje, é tudo.

## DOCTRINA



● Em vez de noventa e seis, como aconteceu o ano anterior, resolvemos conduzir, no corrente, dois grupos de sessenta miúdos cada um, na temporada de Agosto e Setembro, para assegurar melhor vigilância e mais cuidada educação. Vamos para o mesmo local (plena montanha a 40 quilómetros da cidade do Mondego) chapinar nas águas do Ceira, colher amoras nos mesmos silvados, pinhas nos mesmos pinheiros, namorar frutas nas mesmas árvores, rezar ao mesmo Deus dentro da mesma igreja — tudo como dantes.

● Não é tanto o bem que lhes fazemos, como o mal que eles deixam de praticar enquanto moram mais nós. Almas desprevenidas de tudo, a gente livra-os do perigo da rua, da sombra da taberna, dos costumes da família, do pecado!... E coloca-os num ambiente limpo e arejado, onde eles possam brincar com as flores e contemplar o infinito azul. Que lindo pensamento para tu me dares a mão e tomares à tua conta um colono com... a despesa que cada um faz nos trinta dias de férias! Nós vamos buscá-los ao tugúrio da Baixa e aos agregados pobres da Alta; sabemos como se chamam, a vida que levam, a fome que passam — alguns tão pobres que declaram, espontaneamente, não ter nunca comido conduto fora da mesa das Colónias (de Férias)!

● Tínhamos obrigação de pousar a ferramenta, porquanto a amostra dos primeiros peditórios nas igrejas é de fazer desanimar: na de S. Bartolomeu, quatrocentos e trinta escudos (o ano passado oitocentos e vinte escudos); na do Colégio Novo, cento e setenta e um escudos (o ano passado trezentos e doze escudos); e até o Banco de Portugal fez duzentos e cinquenta dos quinhentos do ano anterior. Sim; devíamos procurar outro officio, mas o Mestre declara não ser bom discípulo aquele que olha para trás e é simplesmente pela palavra d'Ele, como fizeram outrora os Apóstolos, que nós hoje lançamos a rede ao mar.

*D. Amén. 5/1*

(Do livro Pão dos Pobres — 1.º vol.)

# AQUI LISBOA!

Em períodos de recessão económica, di-lo a prática, há uma tendência natural para o afluxo de gente em busca de lugares de trabalho nos serviços públicos e aparentados. Ao contrário, em épocas de expansão, o movimento dirige-se para as empresas privadas e afins, onde os ordenados e as regalias usufruídos são incomparavelmente maiores.

O Estado não tem, dada a sua dimensão, capacidade de acompanhar, com fluidez, as mudanças operadas. Pagando as empresas privadas e públicas muito mais, a tendência é a fuga dos quadros e dos mais competentes, com nefastas consequências para uma recta programação e actividade dos negócios estatais. Só não muda quem não pode, pela idade ou por vínculos familiares ou ligados às terras onde desempenham funções.

## ATENÇÃO LEITORES

Devido a arrelhadora «gralha», a anterior edição de O GAÍATO (27 de Agosto) saíu com o n.º 1150 quando, na verdade, se tratava do n.º 1160. Pelo facto, apresentamos as nossas desculpas, muito especialmente aos coleccionadores do nosso jornal.

## NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

chares os olhos, rodeada por teus filhos que te não-de agradecer.

A família é batida por muitas frentes. Se não está segura sobre a rocha, cai, facilmente, e desmorona-se como a casa construída sobre a areia. O pai foi-se. A mãe ficou na companhia de quatro filhos. Sozinha mais eles, sem casa nem poder para a construir, como podia aguentar-se. A notícia não veio nos jornais. O fermento actuou. A comunidade paroquial reagiu. O terreno estava vazio. Do Altar, à hora mais sagrada do dia, o pároco chama o povo à sua responsabilidade, naquele domingo e àquela hora. Outras forças são convidadas. A paróquia mobiliza-se. Esta mulher precisa de ajuda. Há que salvar os filhos da desgraça maior, porque o lugar deles é junto da mãe até quando for possível. Estive lá e já mora

Achamos teoricamente correcto que se pague aos homens públicos honorários em conformidade com as funções desempenhadas, suposta competência e qualidade. Ao contrário teríamos sempre os mediocres a ocupar os lugares-chave de decisão. O que se pede, porém, é que haja moralidade no agir, evitando os abusos, tantas vezes visíveis a olho nu, até na acumulação de lugares múltiplos, públicos e privados.

Vem tudo o que acima se diz a propósito dos recentes aumentos dos altos escalões da vida pública. Nada a objectar. Simplesmente, e aqui é que está o busílis, a constatação de que há inúmera gente — reformados, pensionistas e outros — sem o mínimo para sobreviver, cheira a injustiça. O problema não está, pois, em que os capazes e os competentes ganhem bem, atendendo aos seus méritos e à natureza das suas funções. O mal, quanto a nós, reside na miséria de ordenados ou subvenções que auferem largas camadas da população.

É sabido que há sectores empresariais do Estado, nacionalizados ou não, em que os seus funcionários dispõem de benesses únicas, com ordenados já elevados para o nosso meio. Ainda bem, mas o que nos parece discriminatório é a situação deprimente em que vivem outros sectores da população, às vezes desempenhando funções idênticas ou equivalentes. A solução, quanto a nós, reside em atender às necessidades

na sua casa. O que parecia impossível tornou-se realidade. A Obra da Rua ouviu o clamor e veio ocupar o lugar que lhe pertencia no novo lar.

Como foi possível, em tão pouco tempo, este milagre? Construída numa encosta da aldeia, ao lado doutras moradias de fachada mais elegante, guarda no seu ventre a pobreza com o necessário para uma família feliz. Apenas com o dar as mãos a uma obra, feita de pedras pequeninas, saídas do coração, onde a Justiça e a Caridade assentaram primeiro a sua morada. E ninguém ficou mais pobre. Antes, mais uma vez, foi louvada e agradecida a moeda da viúva que, naquele tempo, suscitou a atenção do Senhor. O Evangelho é sempre novo. Agarrar n'Ele e cumprir-lo é ouvir a palavra do Mestre: «Vai e faz tu o mesmo».

Padre Manuel António

básicas fundamentais das pessoas que precisam dum mínimo para viver com dignidade. Trata-se, no fundo, de agir no sentido de haver menos desfavorecidos ou miseráveis, sem prejuízo daqueles que já possuem condições mais elevadas.

Todos sabemos que o comer, o vestir e o calçar têm exigências mínimas. O mesmo se diga, em geral, do que se despende com a saúde, a educação dos filhos, a renda de casa, etc., isto é, com todos os requisitos elementares. Atenção, portanto, senhores Governantes e Alto Funcionalismo situado nos mais variados quadrantes: todos os vossos direitos são sagrados, mas há que ter em conta os direitos dos Outros, que até são a maioria, e que, sendo homens, não podem abdicar de satisfazer as suas necessidades vitais.

Padre Luiz



Cont. da 1.ª página

abandono, de mau trato social ou moral, que acudisse, prontamente, como os bombeiros em caso de incêndio. Que no lugar social elaborasse rapidamente um relatório completo e o apresentasse ao Juiz para uma decisão imediata. Que organizasse uma lista de espera de casais candidatos a adopções ou tutelas e promovesse uma campanha, a todos os níveis, captando a simpatia das famílias de boa vontade a generosidades desta natureza.

Se «dar sangue é salvar uma vida» — e a campanha do sangue está em todo o lado — dar família é salvar a raiz de muitas famílias originárias de quem não a teve.

O combate à pobreza, sobretudo o combate à miséria humana, tem de começar pelas crianças e quanto mais tenra for a sua idade, melhor.

Uma família degradada só «produz», normalmente, filhos degradados. E a degradação é progressiva: Quanto mais avança mais degenera.

Neste campo de sofrimento a Igreja Católica e as outras Igrejas Cristãs deviam empenhar-se mais a fundo. Ninguém, como os discípulos de Jesus, têm o coração e a consciência preparados para saborear as dores da humanidade de que Cristo é Salvador.

É evidente que o Estado não pode, não quer, ou não sabe debruçar-se eficazmente sobre tão arriscado problema humano.

Padre Acílio

# Recordando Coimbra

Não por ser Coimbra, a bonita, a sábia — a Lusa-Atenas. Mas por ser aquela terra onde Américo Monteiro de Aguiar foi ordenado sacerdote. O Padre Américo que, não querendo de freguesia ser Padre, se fez recoveiro dos Pobres, em Coimbra, calcoteando calçadas e velas para visitar e confortar a pobreza, a doença, a miséria no tugúrio, na mansarda.

Conheci Padre Américo já nos fins da década de trinta, mais precisamente em Março de 1938, em Coimbra, como teria que ser, porque se tornou assistente religioso da Tutoria de Coimbra, onde fui pupilo. Ficámos amigos e, ainda, ele ficou Pai e eu filho.

Depois, amigos continuámos, porque aos domingos tínhamos encontro marcado na Missa das onze, para os pupilos, na Igreja de Santo António dos Olivais. E como Pai Américo conversava muito comigo, fui sabendo e posso dizer que na sua mente explodia uma montanha de ideias a que queria dar concretização, e deu: Das colónias de férias do garoto das ruas de Coimbra, em S. Pedro de Alva e Vila Nova do Ceira, nasceu a permanência dum Lar — foi a primeira Casa — a de Miranda do Corvo. Com os pupilos da Tutoria que se tornavam ex, fundou o Lar do Ex-Pupilo. E, ambicionando ter um jornal, surgiu O GAÍATO, este em que estou a escrever.

Entretanto o Porto chama-o, ele atende e vai surgir a Casa-Mãe de Paço de Sousa, donde escrevo. E assim a Obra da Rua cresce, amplia-se e é, hoje, única.

Mas Coimbra foi a primeira e lá ficaram os frutos da primeira sementeira, de modo que Coimbra tem, por isso, um duplo privilégio: os seus filhos pobres foram os primeiros a colher o doce fruto; e foi, ela, o local da ordenação sacerdotal.

Hoje, à distância de meio século, e tendo ocorrido em Outubro de 87 o centenário do nascimento de Padre Américo, quem, em Coimbra, se lembra dele e que gratidão Coimbra manifestou comemorando, honrando, perpetuando a figura de Padre Américo? Houve uma Comissão designada, houve uma sessão solene. Mas Coimbra merece e está ficando prejudicada por não ter no seu seio

a perpetuação daquele a quem fez germinar ideias de Bem.

Porém, Coimbra poderá ter lapsos de memória, como todos nós, mas não creio que os responsáveis dessa memória, hoje, sejam ingratos.

Convido Coimbra a uma reflexão porque o Padre Américo nela escreveu uma das mais belas, se não a mais bela página da sua vida. Vida heróica, de sacrifício, de devoção, que é preciso ter acompanhado de perto para compreender, só, porque não é passível de avaliação.

Vim a Paço de Sousa para estar em contacto, por uns dias, com quase duas centenas de irmãos meus, mais novos, todos filhos do mesmo Pai adoptivo. E foi por deambular por aqui nas proximidades da sua campa, rasa, que me lembrei do começo brilhante e frutífero que foi a vida e acção do Padre Américo em Coimbra.

Alberto Augusto M. Nunes

## Nota da Redacção

O autor destas linhas é da família. Foi o primeiro maioral do Lar do Ex-Pupilo que Pal Américo fundou em Coimbra um ano após a Casa do Gaíto de Miranda do Corvo e que o Ministério da Justiça viria a assumir em 1950, depois de ter verificado, pela experiência deste, o vazio de tais Lares no seu sistema e decidido preenchê-lo.

O serviço militar, primeiro; depois a vida fixou-o em Lisboa onde, trabalhando sempre, concluiu seu curso no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. Mais tarde esteve alguns anos em Moçambique ao serviço da Empresa a cujos quadros pertencia.

Agora, livre dos seus compromissos profissionais, veio passar connosco uns dias, vivendo com edificante simplicidade no meio destes irmãos mais novos que poderiam ser seus netos. Deixou-nos este testemunho e promete mais.

Bem haja, Dr. Alberto Augusto. E cá o esperamos outras vezes.



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaíto-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaíto-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Agosto: 70.770 exemplares.